

A escrita feminista de Carmen da Silva

Ana Rita Fonteles Duarte*

Resumo: O artigo analisa as fases do trabalho da jornalista feminista Carmen da Silva durante os anos de 1963 e 1979, na revista feminina *Claudia*. São identificadas as principais temáticas formadoras de sua escrita e as relações entre as transformações sofridas por seu texto e as mudanças sociais ocorridas na vida das mulheres e na esfera do comportamento, nas décadas de 60 e 70 do século XX, no Brasil.

Palavras-Chave: Feminismo. Escrita. Mulheres.

Abstract: The article analyzes the phases of the work of the journalist feminist Carmen da Silva during the years of 1963 and 1979, in the feminine magazine *Claudia*. The thematic integrants of its writing and the relations between the transformations suffered for its text and the occurred social changes in the life of the women and the sphere of the behavior are identified main, in the decades of 60 and 70 of century XX, in Brazil.

Keywords: Feminism. Writing Womens.

A década de 60, no Brasil, assistiu a uma série de transformações nas publicações direcionadas às mulheres de classe média. Mas nenhuma revista incorporou tão bem esse espírito, que passava não só por novas apresentações gráficas - mais dinâmicas e

* *Ana Rita Fonteles Duarte*, Mestre em História Social, doutoranda em História da Cultura na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

¹ As mudanças de conteúdo e de linguagem da revista *Claudia*, em comparação com revistas do mesmo período e do período imediatamente anterior, são analisadas por BASSANEZI, Carla Beozzo. *Virando as páginas, revendo as mulheres*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

² Este artigo retrata alguns dos aspectos da vida e obra de Carmen da Silva, analisados detidamente em DUARTE, Ana Rita Fonteles. *Carmen da Silva – o feminismo na imprensa brasileira*. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2005. O livro é produto de dissertação de mestrado, defendida em 2002 no curso de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Ceará (UFC).

coloridas -, mas, também, pela modernização dos conteúdos, como *Claudia*¹, do grupo Abril. E, nesse aspecto, nenhum outro nome é tão emblemático quanto o da jornalista gaúcha Carmen da Silva², responsável, durante 22 anos, pela escrita, nesta Revista, da seção *A Arte de Ser Mulher*.

Em 1963, a então escritora de romances resolveu enviar uma carta, apresentando-se à chefia de redação de *Claudia*. A correspondência manifestava o desejo de escrever sobre a condição da mulher brasileira, mostrando, para as leitoras, a necessidade de se prepararem para assumir novos papéis na sociedade.

O currículo anexado, assim como cópias de artigos, contos e crônicas, publicados por ela na Argentina, tentavam facilitar o acesso à redação. Era pouco freqüente a presença de mulheres trabalhando em jornais e revistas, naquele período. Havia ainda discriminação por parte dos donos de algumas empresas, e até mesmo entre professores dos primeiros cursos de jornalismo.

No momento, Carmen começava a estabelecer a série de contatos entre escritores e editores. Conseguira a aprovação para a publicação de seu romance *Sangue sem dono*, que seria lançado, no ano seguinte (1964), pela Editora Civilização Brasileira, marcando seu reencontro com a língua portuguesa e com o País do qual esteve afastada por cerca de 20 anos.

Tudo isso contribuiu para que Carmen fosse convidada a visitar a redação de *Claudia*, para conversar com seus editores. Havia algum tempo, eles buscavam um nome feminino que pudesse ocupar espaço na Revista, falando para as mulheres de maneira distinta do que, até então, era praticado na imprensa.

O momento exigia da revista poder de argumentação e conhecimento maior, para abordar assuntos relativos à mudança de comportamento. O senso comum já não dava conta da rapidez dos processos desencadeados por mudanças, na área das relações de gênero. A direção da revista sabia desse fato.

Carmen da Silva possuía a experiência de vida diversa do que se esperava de uma mulher de seu tempo: um texto leve, embora trabalhado, sem rugas de autoritarismo e moralismo, e baseado fortemente no instrumental da psicanálise. Nesse último fator, residiria o principal diferencial da linguagem de Carmen, uma vez que ela procurava centrar sua análise em crítica aprofundada, situando a responsabilidade individual dentro dos limites da trama social. Exercitava, aos poucos, o que SANTOS³ chamou de feminismo de fundamentação psicanalítica.

Carmen passou a publicar artigos, a partir de setembro de 1963, ocupando, na verdade, o espaço que já existia, denominado de *A Arte de Ser Mulher*, título que, aliás, nunca lhe agradou. Pouco tempo antes, os textos publicados eram assinados pela desconhecida Dona Letícia, sobre quem a revista não fornecia referências. Tudo leva a crer que os textos dessa “articulista” fossem feitos por redatores homens, uma vez que só estes formavam a redação de *Claudia*, antes de Carmen da Silva. A participação feminina dava-se através de colaborações “adaptadas” ao estilo *Claudia*.

Carmen da Silva trazia proposta nova, na medida em que incentivava a independência feminina e pautava suas discussões tomando como base as angústias de suas leitoras e tratando-as como indícios de questões que deveriam ser abordadas em seu espaço. As leitoras escreviam-lhe num ritmo acelerado, sôfregas por uma opinião para as mais diversas indagações. Ela chegou a receber de 400 a 500 cartas por mês, tendo esse número sefirmado em torno de 150, na fase final de seu trabalho em *Claudia*. A mudança consistia, segundo ela própria, em transformar o consultório sentimental em consultório de orientação psicológica.

Em seu trabalho em *Claudia*, Carmen observou, de perto, a realidade e constatou o comportamento passivo das mulheres brasileiras de classe média que lhe escreviam. Em média essas mulheres estavam situadas na faixa dos 18 aos 24 anos; eram casadas ou

³ SANTOS, Tânia Coelho dos. A difusão da psicanálise na família: um estudo de seus efeitos sobre a mulher. Rio de Janeiro. Dissertação de mestrado. Departamento de Psicologia, PUC-Rio, 1982.

desejavam estar casadas, muitas vezes “aceitando, com masoquismo, uniões claramente destinadas ao fracasso total”. A diferença entre o consultório tradicional e o que começou a ser trabalhado por ela, não dizia respeito ao teor dos questionamentos e desabafos feitos pelas leitoras, mas à própria forma de respondê-los. Ao invés de fornecer receitas prontas de felicidade às leitoras, Carmen optou por questionar os problemas e conflitos vividos pelas mulheres.

A principal mudança dizia respeito à forma de encarar ou diagnosticar os problemas femininos. Carmen procurava reforçar a tomada de atitude individual por parte das mulheres, na mudança de suas situações. Suas intervenções, embora comprometidas com a causa feminista, evitavam, no entanto, o aconselhamento direto, ou seja, não configuravam o quadro claro de atitudes a serem adotadas pelas leitoras.

A postura demonstrava profunda fidelidade de Carmen ao estilo psicanalítico, por acreditar que, diante da angústia, seria necessário fazer questionamento mais aprofundado. As intervenções de Carmen pretendiam mais que consolar as leitoras angustiadas: queria “desestabilizá-las”, fazer com que elas mesmas revissem suas posições e buscassem seus próprios caminhos.

Em vários momentos, a escrita de Carmen da Silva chocava-se diretamente com outros discursos presentes em *Cláudia*. Isso nos faz pensar que sua permanência, durante 22 anos, escrevendo na mesma seção, tenha ocasionado momentos de negociação constante com a direção da Revista, bem como certa cautela na escolha e no tratamento das temáticas e dos termos a serem utilizados, muito embora saibamos que Cláudia já abria espaço para o discurso mais liberalizante.

Publicamente, seu relacionamento com a editora, e com a própria Revista, parecia correr de maneira harmoniosa e sem maiores interferências. Carmen tinha liberdade para escolher as temáticas; trabalhava

em casa, no Rio de Janeiro, indo poucas vezes à redação. Era convocada para realizar matérias mais amplas tais como reportagens e entrevistas, além de ter tido a oportunidade de viajar por vários países, como Rússia, Inglaterra, França, Portugal, a fim de conhecer e escrever sobre a realidade de outras mulheres, sempre a serviço de *Claudia*.

O trabalho, direcionado principalmente às mulheres de classe média - público-alvo da revista *Claudia* -, foi catalogado e organizado em coletâneas por Carmen da Silva. Para a constante reflexão do que havia escrito, ela utilizava o próprio espaço da seção, em artigos comemorativos. Em artigo especial, publicado em dezembro de 1979, sob o título *O que seria do mundo sem nós, mulheres?*, ela não só avaliou essas questões, mas acabou, também, por nos fornecer a maneira de ler o seu trabalho, que acabara de completar dezesseis anos. Lançava, ali, um olhar panorâmico sobre o passado, e resolvia dividir seus escritos em fases distintas, recuperando-os para os leitores no presente e no futuro.

O trabalho é dividido por ela em quatro fases, definidas de acordo com as temáticas recorrentes em artigos e os objetivos que queria alcançar, observando as necessidades manifestadas pelas cartas que recebia das leitoras. Há o relato sobre os principais problemas das mulheres em cada momento, e um breve documentário sobre a recepção gerada pelos artigos.

A divisão do trabalho em fases, no entanto, não pode ser encarada de maneira rígida, com contornos bem delimitados. Muitas vezes, as fases se interpenetram, configurando-se mais como linhas de atuação dentro do mesmo trabalho. A orientação é muito mais didática, e não significa que ela tenha tratado de determinados temas somente uma vez, circunscrita a determinada fase. O que havia, na realidade, era a predominância de determinados assuntos e abordagens, em momentos específicos.

O tratamento dos temas, tampouco, seguia curva

evolutiva onde, a cada vez, eram vistos sob novos ângulos, dentro do que poderíamos considerar fase distinta. Muitas vezes, Carmen sentia necessidade de retomar temas e apresentava abordagens muito semelhantes a outras, já utilizadas.

Ela assim fazia, segundo declarou, porque percebia que, ao longo do caminho, não conseguia sucesso na mudança de concepção entre leitores, mulheres e homens. Por isso, seria necessário insistir, até que a mudança se instalasse verdadeiramente. A recepção manifestada, através das cartas, era seu principal indicador para a repetição e abordagem de um tema.

A primeira fase, chamada por Carmen da Silva de “fase do despertador, ou fase de Lázaro”, foi iniciada com a seção, em 1963. Esse momento foi descrito como aquele em que ela chamava a atenção das mulheres para a necessidade de se perceberem como seres individuais com consciência sobre si mesmas e sobre os desejos e sonhos, desvinculando-se da vida em função da família:

(...) A idéia dominante era: Acorda Bela Adormecida, levanta-te e anda. Tratava-se de sacudir as mulheres que ainda viviam mergulhadas numa espécie de sonbo vegetal: deitavam raízes, estendiam ramos, frutificavam, obedeciam à natureza, mas sem imprimir-lhe a marca que é privilégio humano: a consciência de si, o pensamento crítico. Elas se definiam a partir de suas funções corporais e suas relações familiares: eram filhas, esposas, mães, apêndice, costela, cara-metade, ventre reprodutor – e fora disso, a nebulosa, o limbo.⁴

⁴ “O que seria do mundo sem nós, mulheres?”, em Claudia, dezembro de 1979.

Esta foi a fase caracterizada pelos artigos de incentivo ao trabalho, à realização da atividade que garantisse à mulher a independência econômica. O tratamento da temática ocorreu no momento em que a proporção de mulheres, no mercado de trabalho, atingia apenas 17,9%. O trabalho feminino era visto como secundário, e o salário pago às trabalhadoras era subsidiário em relação ao dos homens.

No seu primeiro artigo, *A Protagonista*⁵ (setembro de 1963), Carmen fez uma espécie de preparação para introduzir o tema nos escritos. A questão da atividade feminina era tratada de maneira sutil pela articulista. No texto, ela diagnosticou o mal-estar vivido por mulheres brasileiras de todas as idades e níveis sociais, causado pela insatisfação com a própria vida e pelo desejo de existência diferenciada.

O mal-estar diria respeito ao despreparo de muitas mulheres para enfrentar os desafios do mundo que evoluía, e que exigiria a participação dos dois sexos em sua construção.

A educação restritiva, fornecida durante séculos, baseada no que Carmen chamou de “conceitos falsos”, seria a grande responsável por ter transmitido à mulher uma carga de inibições, receios e comportamento dependente. Esses conceitos já começavam a ser mudados por algumas mulheres que apresentavam “coragem” e “firmeza” para enfrentar as situações, mas isso não ocorria de maneira generalizada.

A análise do problema, baseada em fatores psicológicos, incentivava a tomada de posição individual, antes de tudo fundamentada no desejo de cada mulher de mudar a própria vida a partir de atitude concreta, desencadeada por elas próprias. Não haveria fórmula mágica, nem truques utilizados por algumas mulheres para mudar a situação de independência e insegurança: Sejamos realistas, e não procuremos explicações sobrenaturais para fatos naturais. Essa paz interior que lograram – uma paz animada e vibrante – só se consegue ao preço de ser protagonista, e não espectador da própria existência.

O traço do pensamento de Carmen da Silva mostrava colaboração com a construção de paradigma modernizante, que preconizava a realização pessoal e a participação social como caminhos para a emancipação feminina. Segundo GOLDBERG,⁶ o movimento feminista brasileiro,⁷ emergido em 1975, receberia fortes influências dessa linha de pensamento.

⁵ Em CIVITA, Laura (Org). *O Melhor de Carmen da Silva*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1994, p. 17-23.

⁶ GOLDBERG, Anette. Feminismo no Brasil contemporâneo: o percurso intelectual de um ideário político. IN: Boletim Informativo e Bibliográfico de Ciências Sociais, nº 28: Rio de Janeiro: ANPOCS: Vértice, 2º semestre de 1989.

⁷ Para aprofundar a leitura sobre as origens do movimento feminista brasileiro e suas características, ver TELES, Maria Amélia de Almeida. Breve história do feminismo no Brasil. São Paulo: Editora Brasiliense, 1999, e PINTO, Céli Regina Jardim. Uma história do feminismo no Brasil. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2003.

Quando chama as mulheres a protagonizarem a própria vida, Carmen da Silva está, não apenas se referindo à necessidade de independência econômica, mas, também, à necessidade de independência psicológica, que faz com que muitas deleguem a felicidade e realização pessoal a outras pessoas ou a acontecimentos não subordinados à sua vontade.

Como primeiro artigo, o texto trazia a marca da moderação, por parte da jornalista: possível estratégia para evitar futuros ataques das leitoras, e uma forma de preservar-se diante da revista onde acabava de estrear. Carmen sugeria às leitoras que tomassem a direção de suas vidas, respeitando, no entanto, os limites das realidades vividas por elas, no círculo social e econômico.

(...) Não é necessário sair à rua desfraldando bandeiras; não se trata de heroísmo nem de grandes façanhas. Cada mulher pode e deve protagonizar sua vida dentro do âmbito que escolheu, seja ele vasto ou reduzido, seguindo suas inclinações, acatando os ditames de seu temperamento e, em certa medida, do círculo social, econômico e cultural a que pertence. O problema não consiste em fazer coisas particulares, mas, sim, em tomar consciência dos seus objetivos e aceitar a tarefa que sua consecução impõe.

Em vários outros momentos, ela contrariou a lógica de funcionamento do veículo em que trabalhava, advertindo as mulheres para que não se deixassem levar pelos modelos criados pelos meios de comunicação de massa e pela publicidade que punham glamour em determinadas atividades e realizações, influenciando muitas mulheres na hora da escolha da atividade extra-lar.

Para Carmen, a mulher verdadeiramente interessada em exercer uma atividade não desistiria facilmente de seu desejo, e não abandonaria a carreira profissional porque também desejasse se casar e constituir uma família, sentindo-se frustrada por isso:

A protagonista de sua própria vida opta, resolve a conquista a partir de si mesma, isto é, conta com um centro de gravidade interno, um eixo em redor do qual giram suas decisões e seus atos. Este eixo é o eu. Não um eu miragem, um eu-fantasia arbitrariamente inventado à medida dos nossos devaneios, mas um eu real, isto é, um conjunto de necessidades, aspirações, possibilidades e limitações, avaliadas com a máxima honestidade e aceitas com o máximo realismo.

A necessidade do exercício da atividade extra-lar, e a possibilidade de conciliar a profissão com o casamento e a maternidade, tornaram-se temas de vários artigos de Carmen a partir do primeiro texto, em debate constante estimulado pelas cartas das leitoras. Muitas manifestavam descontentamento e discordância com as idéias pregadas por Carmen.

O segundo momento do trabalho, iniciado aproximadamente na segunda metade da década de 60, foi considerado por Carmen da Silva como a “fase absolutamente institucional”, decorrência “natural” de seus primeiros escritos, nos quais as mulheres eram chamadas a assumir a existência como seres individuais e autônomos.

Passada a fase da descoberta de si, *A Arte de Ser Mulher* teria, então, se voltado para responder às inquietações manifestadas pelas leitoras, agora em fase de “descoisificação” e “desalienação”: dentro do processo evolutivo concebido por Carmen, haviam tomado consciência de si e percebido que os papéis sociais a que estavam submetidas, dedicando-lhes todas as suas atenções e energias, não as satisfaziam e nem as realizavam como seres humanos. A descoberta tê-las-ia deixado atônitas, desestabilizadas.

Os temas tratados, nesse período, concentraram-se em dois eixos básicos: a crise no casamento e os conflitos dentro da família. É válido salientar que as observações e as análises desenvolvidas por Carmen tentaram, sempre, levar em consideração a mulher

como sujeito que está vivendo esses conflitos, e enfatizavam o peso de sua responsabilidade em superá-los. Isso não quer dizer que ela tenha se esquivado de tratar da problemática masculina. Ela o fez, mas com menos intensidade, se observamos a abordagem em momentos posteriores de seu trabalho.

Os principais fatores de descontentamento das mulheres, verificados por Carmen no que se referia ao casamento, diziam respeito, principalmente, à dupla moral sexual, além da falta de companheirismo por parte do homem, com quem a mulher não mantinha relação de real intimidade.

As dificuldades proporcionadas por esse último fator iam da relação sexual sem prazer à impossibilidade de manutenção de elementar diálogo. As queixas de solidão, segundo a jornalista, eram bastante comuns entre as mulheres casadas que lhe escreviam.

Carmen iniciou a discussão mais específica sobre o casamento, na seção, por um tema delicado e particularmente incômodo para as mulheres: a infidelidade conjugal. O primeiro artigo viria, ainda, em meio ao que ela denominou primeira fase, mas o tema seria desenvolvido com mais profundidade posteriormente, em outros artigos.

⁸ Presente na coletânea CIVITA, Laura (org). *O Melhor de Carmen da Silva*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1994, p. 161-168.

Em *Infidelidade*⁸ (junho de 1964), Carmen afirmou, com base na observação e na experiência, que a infidelidade masculina era o comportamento disseminado entre ampla maioria dos homens brasileiros casados. As atitudes que, para os beneficiados diretos, eram justificadas como brincadeiras, passatempos ou necessidades “naturais”, foram encaradas pela jornalista como problema dentro do relacionamento, em que as mulheres se tornavam as mais prejudicadas.

Carmen salientava que, mesmo sendo considerado crime pelo Código Penal brasileiro, o adultério era tratado de maneira diferenciada para os dois sexos. Enquanto, para o homem, a poligamia era vista como coisa natural, necessidade instintiva e até mesmo

incentivada socialmente, para as mulheres era tratada como falta gravíssima, passível das mais severas punições:

(...) No caso de infidelidade da esposa, cai sobre ela o peso implacável da lei e de repúdio social; muita gente chega até a achar ridículo o marido que se limita a levar o assunto aos tribunais, em vez de lavar a sua honra com sangue, como nos romances de capa e espada. Aliás, os homicídios dessa índole costumam ser julgados com grande benevolência. A sociedade aponta um dedo acusador para a esposa infiel, muitas famílias fecham-lhe as portas; os homens não as respeitam e cada um deles está à espreita da oportunidade de também tirar sua “casquinha”, como se a mulher que uma vez enganou seu marido, levada por razões ou impulsos que os outros desconhecem, tivesse, de certa forma, caído no domínio público.

No discurso “modernizante” de Carmen, a educação era apontada como a solução para a mudança no tratamento diferenciado dado à questão da infidelidade masculina, símbolo da desigualdade entre os sexos. Era a educação que modificava o instinto, civilizando as pessoas, tornando-as melhores.

A condição subordinada da mulher, nessa relação desigual com o homem, em vez de ser reafirmada como comportamento inerente ao sexo feminino, era situada historicamente por Carmen. Ela associava a resignação feminina à infidelidade ao fato de as mulheres serem educadas para direcionar suas vidas inteiramente ao casamento, sem o desenvolvimento de nenhuma atividade. Vivendo à sombra do amparo masculino, essas mulheres – consciente ou inconscientemente – acreditavam ter de fazer concessões aos maridos como forma de compensá-los pela tarefa de provedores delas, dos filhos e da casa.

No discurso de Carmen, a mulher não era liberada da responsabilidade na perpetuação de tais comportamentos, sendo, simplesmente encarada como vítima das circunstâncias. Ao contrário, Carmen responsabilizava-as diretamente pela manutenção da

dupla moral sexual, pois, além de não questionarem o comportamento masculino, reproduziam os preconceitos na educação dos filhos, que era uma de suas incumbências, segundo aquela ordem social.

As mães, tão severas com suas filhas mulheres, acham natural que os rapazes “proveitem a vida ao máximo”; as jovens são encorajadas a procurar marido, enquanto os moços ouvem sempre o conselho de não se amarrarem tão cedo; as castas noivinhas acreditam-se muito compreensivas e evoluídas quando admitem que seus noivos tenham seus “desabajos por aí. (...) E a própria mulher lesada aceita a falsa tese da poligamia masculina. Ante o fato consumado – que, de resto, sempre julgou inevitável – não percebe nada (Isto é, reprime a percepção) e deixam que as coisas sigam seu rumo ao deus-dará, agravando-se, provavelmente, dia a dia, graças a sua passividade.

Como principais “culpadas” pela situação, era das mulheres que se deveria esperar atitude de mudança. Era a elas que caberia empreender a luta pelo questionamento de conceitos e comportamentos tratados como naturais ou imutáveis.

É importante ressaltar que, tanto na primeira como na segunda etapas do trabalho de Carmen, o estímulo às mudanças dado às mulheres situava-se em nível individual. Seria preciso, primeiro, que a mulher se conscientizasse de que a situação a que estava submetida – no caso, a infidelidade – representava, para ela, um problema. A partir desse trabalho de reflexão e conscientização era que a mulher poderia engajar-se na superação da situação.

A recepção a temáticas como a infidelidade masculina era sempre polêmica, despertando reações constrangedoras tanto em mulheres quanto em homens que escreviam a Carmen, acusando-a de interferir em “seus assuntos”, lesando seus “legítimos” direitos.

A possibilidade de finitude do amor, no casamento, também já era reconhecida por Carmen, que, ao contrário da revista *Claudia*, não preconizava a

preservação da relação matrimonial a qualquer custo. A partir de 1966, ela começaria a difícil campanha pela regulamentação do divórcio no Brasil, onde, até então, só existia o desquite como solução para os casamentos sem sucesso.

A terceira fase ou linha de trabalho de Carmen da Silva, foi caracterizada pelo engajamento mais explícito com a causa feminista. Ela admitia estar influenciada por “ventos que vinham soprando de outros continentes”. Esse comportamento foi comum a várias jornalistas, em todo o mundo, segundo MORIN⁹.

Carmen inaugurou nova forma de discutir a situação das mulheres e seus problemas, e o fez a partir da crítica política ao sexismo e à dominação masculina. Denunciou a origem cultural da opressão de um gênero sobre outro, demarcando diferença importante com relação à fase anterior, quando trabalhava mais no terreno das relações pessoais e dos conflitos individuais e familiares. As mulheres passaram a ser tratadas como grupo unido pela mesma condição de opressão.

*Esta seção assumiu uma tônica resmungona, entendendo-se por “resmungo” a denúncia fundada e sistemática das disparidades, injustiças e discriminações, a exploração da mulher, a asfixia de sua personalidade, a manipulação de sua afetividade, a opressão grosseira ou dissimulada sobre ela, a tenaz lavagem cerebral tendente a fixar a idéia da inferioridade natural do sexo feminino.*¹⁰

Foi o período de maior reação por parte dos homens, segundo os relatos de Carmen da Silva. A posição assumidamente feminista tornou-a alvo de cobranças e provocações. Pelo que podemos depreender de seus escritos, assim como de várias outras mulheres engajadas no movimento feminista, teve a sexualidade posta à prova, em nome da desqualificação do ideal da igualdade de direitos, reivindicado por ela.

Carmen iniciaria, na década de 70, a escrita

⁹ MORIN, Edgar. *Cultura de Massas no Século XX*. V. 2. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1986.

¹⁰ Extraído do artigo-síntese *O que seria do mundo sem nós, mulheres?*, *Clandia*, dezembro de 1979.

militante. Começou por apresentar as principais idéias do movimento. Em julho de 1971, dois meses depois da visita da escritora norte-americana Betty Friedan ao Brasil¹¹, ela publicou a resenha do best-seller *Mística Feminina*, principal obra impulsionadora do movimento feminista norte-americano.

¹¹ A recepção à visita de Betty Friedan ao Brasil é tratada com mais profundidade, em DUARTE, Ana Rita Fonteles. Betty Friedan: morre a feminista que estremeceu a América. IN: *Estudos feministas*. v.14, n° 1, Florianópolis: UFSC, 2006, p.287-293.

¹² Embora popularizada em meados dos anos 80, a categoria gênero já vinha sendo utilizada bem antes por pesquisadoras americanas, como Ann Oakley em 1970, como nos afirma GONÇALVES, Andréa Lisly. *História e gênero*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. É importante frisar que Carmen, em geral, lia a teoria feminista bem antes de ser publicada em português, diretamente do inglês e do francês.

A tentativa de desnaturalizar as “diferenças de gênero¹²” - termo usado por Carmen, a partir de 1979 - seria uma das preocupações da jornalista, nessa terceira fase. O combate à idéia de que a realização feminina se resumiria ao cumprimento das funções biológicas, seria tema de vários artigos a partir da visita de Friedan, o que pode ser apontado como influência da norte-americana em seus escritos.

A crítica aos estereótipos fundados na biologia, antes baseada na necessidade da atividade extra-lar e/ou no trabalho remunerado que realizaria pessoalmente, a mulher seria, agora, conectada aos anseios do movimento de mulheres, e ganharia dimensão política. É o que podemos depreender do artigo mais enfático sobre essa questão, no ano de 1971: *Vamos quebrar uma velha imagem*, escrito em outubro.

O texto afirmava que estereótipos, como o da esposa e mãe perfeitas, só beneficiariam os homens, mantendo as mulheres em situação de submissão e opressão. Estariam castradas no uso das potencialidades e criatividade, e viveriam também, por conta do sexismo, a sexualidade reprimida, sem satisfação, limitada à rotina do casamento. O mesmo não acontecia com o homem, favorecido pela dupla moral sexual:

(...) O homem, entre outras coisas, também tem sexo e pode fazer dele o uso, abuso ou desuso que quiser. A mulher, por sua vez só tem sexo; o sexo resume e esgota sua individualidade, sua história, sua razão de ser – enfim, ela é sexo. As “outras coisas” – inteligência, criatividade, ânsia de liberdade, impulso de afirmar-se mediante realizações próprias, capacidade de planejar seu futuro e, em certa medida, o da sociedade, compromisso com o mundo –

, nela constituem bagagem supérflua: ou não existem, é uma exceção, uma anomalia suscetível de causar escândalo ou riso.

Carmen afirmou que, ao contrário do que os meios de comunicação divulgavam, o “movimento de libertação feminina” não queria estabelecer guerra entre os sexos ou simplesmente inverter os papéis entre homens e mulheres, ou seja, entre dominadores e dominados. Ela não se referia ao movimento como “feminista”, nesse momento:

O que as mulheres querem é existir também como indivíduos; além de sua condição sexual, ser reconhecidas como pessoas completas em si mesmas, sujeitos de seu próprio destino, que também podem (e desejam) ser objetos de sexualidade e amor. Trata-se de abolir a falácia de que o mundo se resume numa consciência masculina, de que Eu significa Homem e “o resto” – isto é, as mulheres – é algo que está aí como complemento. Pretende-se uma humanidade em que cada um reconheça ao outro o direito de chamar-se Eu, de existir por conta própria.

A seção assinada por Carmen intensificaria, a partir daí, a convivência tensa entre seus escritos e a imagem feminina representada pelas revistas do grupo empresarial para o qual trabalhava. Os artigos contrários à padronização da beleza e ao seu enaltecimento como valor feminino essencial, além do combate ao preconceito contra a mulher mais velha, seriam publicados em páginas circundadas por anúncios de cremes anti-rugas, com promessas de eterna juventude, cintas modeladoras e fluidos de beleza para o combate de sinais de idade.

Para Carmen, a busca por ajustar-se aos padrões reverenciados pela “literatura barata” e pela publicidade só mostrava o quanto o ideal *sexy* correspondia ao comportamento de submissão e repressão sexual para as mulheres. A revolução sexual, e as atitudes liberadas tão comentadas no período, estavam restritas a grupos sociais minoritários, situados em classes sociais mais

abastadas, numericamente insignificantes com relação ao conjunto da população. A repressão sexual sobre a mulher solteira ainda era um fato, assim como a valorização da virgindade e pureza femininas. As transgressões, nesse campo, eram arriscadas, e punidas de forma penosa.

Para as mulheres casadas, para quem a sexualidade, teoricamente, apresentar-se-ia como terreno aberto, sem restrições, as situações de repressão e insatisfação não seriam muito diferentes. Carmen traçou o painel da condição da mulher de classe média brasileira tradicional, que ainda se define exclusivamente por funções biológicas.

Para a jornalista, ela tinha vida infeliz e insatisfatória. Forçada a anos de recato, acabava por idealizar o sexo ou a relacioná-lo com algo sujo, pecaminoso. Não conseguia sentir nem dar prazer ao companheiro, criando, muitas vezes, aversão pelo ato sexual. Sentindo-se frustrada e incapaz, admitia a existência de amantes para o marido e refugiava-se na criação dos filhos que, em breve, a abandonariam ou demonstrariam interesses por outras pessoas e atividades. O envelhecimento a angustiava, e ela acabava por sucumbir à vida de resignação e rotina, acabando na solidão.

Legitimar as discussões do movimento de mulheres que tentavam se organizar tornou-se, também, uma das missões do trabalho de Carmen da Silva, nessa fase. A preocupação em ressaltar a seriedade e o alto nível das propostas discutidas em congressos, estavam sempre presentes em seus artigos. Em dezembro de 1972, ela comentaria em *Com a palavra, nós, as mulheres*, as teses apresentadas dois meses antes, no I Conselho Nacional de Mulheres, ocorrido no então estado da Guanabara (Rio de Janeiro), reunindo mulheres de vários pontos do País.

A legitimidade construía-se principalmente, através de argumentos que enfatizavam o aspecto científico das discussões. Ela dizia que, apesar daqueles que esperavam

reunião de mulheres agitadas e raivosas, o que se viu foi uma reunião “séria”, unindo estudos e pesquisas estatísticas, baseados em bibliografia “pertinente”.

Havia a extrema preocupação, de sua parte, de construir a imagem das feministas de forma diferenciada do que então faziam os meios de comunicação. Para Carmen, elas seriam mulheres estudiosas, sérias, equilibradas, maduras, bem informadas, que fazem da vida uma luta. Esse comportamento revela a necessidade da jornalista, a exemplo de outras militantes feministas, de se contrapor à imagem feminina, típica da sociedade patriarcal, o que, muitas vezes, acabava criando novos estereótipos para as mulheres, pelo menos para aquelas engajadas na luta pela transformação da condição de oprimidas. Carmen usava os escritos, ainda, para comentar teses apresentadas pelas congressistas, destacando as propostas concretas e divulgando os resultados dos encontros.

A quarta e última fase do trabalho de Carmen da Silva teve início no ano de 1979, e coincidiu com a revisão de alguns pressupostos do próprio movimento feminista internacional. A autocrítica referia-se à necessidade de preservação de certas características e valores, culturalmente femininos e renegados durante a luta das mulheres, para se afirmarem no espaço público. O movimento de valorização da diferença reconhecia a ambigüidade, gerada no comportamento das mulheres pela adaptação às regras e critérios masculinos, no mercado de trabalho, na política, no campo educacional, dentre outros.

O dado mais importante foi a positividade conferida a valores que, nos primeiros momentos da luta feminista, foram criticados por serem identificados com o âmbito doméstico. Segundo OLIVEIRA¹³ - uma das feministas brasileiras a defender a diferença, essa autocrítica revelaria o estágio de maturidade do movimento de mulheres.

Outras teóricas feministas, como a americana

¹³ OLIVEIRA, Rosiska Darcy. *Elogio da Diferença*. 3. ed, São Paulo: Brasiliense, 1993.

¹⁴ BADINTER, Elisabeth. *L'un est l'autre*. Paris: Jacob, 1986.

BADINTER¹⁴, previam o apagamento das diferenças entre homens e mulheres pela aproximação das experiências de ambos os sexos, e anunciavam o advento do indivíduo andrógino: criatura dual, feita de masculino e feminino. Este momento marcaria o estágio superior da convivência humana.

O pensamento de Carmen da Silva pode ser visto como uma contribuição brasileira à construção desse novo paradigma, denominado pós-feminista. Antes mesmo de anunciar a nova fase de seu trabalho, ela, por vezes, demonstrou preocupação com o desgaste físico e psíquico das mulheres, em sua tentativa de se mostrarem capazes e competentes.

Reconheceria, posteriormente, a contribuição da ambigüidade dos papéis sociais protagonizados por elas, à formação de nova identidade feminina, mais flexível. Assim, ela expôs, no artigo-síntese *O que seria do mundo sem nós, mulheres?* (dezembro de 1979):

(...) Essa visão patriarcal, ao mesmo tempo que desvaloriza o sexo feminino, dá-lhe uma ampla margem de flexibilidade, adaptabilidade, jogo de cintura. É isso que lhe permite – mediante uma tomada de consciência – pular fora dos enquadramentos tradicionais, experimentar novas atitudes e formas de relação, descartar ou incluir, rejeitar ou assumir – enfim, entrar num processo dinâmico de autocriação.

As características originadas da experiência feminina, tanto cultural como biológica, que haviam sido alvo de discriminação ou argumentos para a opressão masculina, eram valorizadas como elementos importantes na construção da utopia do mundo mais justo, mais humano. As mulheres foram descobertas por Carmen como “criaturas maravilhosas”, “sal da terra”, “esperança de fraternidade”.

Sentimentos como a solidariedade e a valorização da vida eram considerados, por ela, como intrinsecamente femininos, em contraposição ao mundo masculino, marcado pela agressividade,

violência, competitividade, egoísmo e eficiência. As posições ficaram explícitas no que podemos considerar o marco inaugural desta fase, o artigo *Nós, as maravilhosas e eternas crianças deste mundo*, publicado em outubro de 1979.

(...) Sem dúvida é uma sorte para o mundo que sejamos assim: ligadas aos seres, à carne, ao que pulsa e vibra e está vivo. Pensem na desgraça que seria este mundo – já bastante intolerável tal como se encontra – se ainda por cima lhe faltasse o chamado toque feminino. Que não é, em absoluto, mero requinte ou frescura e sim uma forma particular de demonstrar a afetividade, de afirmar através da cordialidade e da beleza a continuidade vital.

Procurando defender as mulheres das acusações de futilidade, fragilidade e emotividade excessivas, Carmen construiu o discurso entusiasmado que generalizou comportamentos femininos como bons, e masculinos como maus. Os exemplos são diversos. Ao estigma da mulher fofoqueira, ela contrapôs a pessoa interessada em manter vínculos e relacionar-se em profundidade. A mulher seria, sempre, a mais preocupada em preservar a vida diante do perigo ou da miséria. Teria ela o senso de justiça e solidariedade mais apurado, só compreendido, na integridade, por outras mulheres.

Contraditoriamente com outros momentos de seus escritos, as opiniões de Carmen, expressas nesse texto, chegaram a essencializar e naturalizar características que a própria jornalista teria apontado como expressões culturais, em outros momentos da militância. Até mesmo a resolução para os problemas sociais e políticos foi encarada sob o ponto de vista diferenciado, fundamentado na exaltação dos valores femininos. O conflito de classes, presente em toda a obra de Carmen, foi substituído pelo conflito entre culturas feminina e masculina :

Juntemos as duas coisas: o contato com a realidade e o envolvimento

com o humano e compreenderemos que uma mente feminina jamais conceberia certas idéias esdrúxulas, teorias funestas sobre superioridade racial, teses expansionistas, doutrinas que justificam a opressão e o domínio, propostas paranóides de “almoçá-los antes que eles nos jantem”. Racismo, imperialismo, tirania, por mais que possam obter o apoio das mulheres alienadas que repetem a voz de seu amo, são uma criação exclusivamente masculina.

Os valores formadores da cultura feminina, portanto, deveriam ser motivo de orgulho para as mulheres, elementos na constituição de laços de irmandade entre elas, sua maior contribuição à civilização, à preservação da vida, à humanização do mundo.

As mudanças e incorporações de temas nas diversas fases do trabalho de Carmen da Silva, como pudemos constatar, é resultado, entre outros fatores, de negociações exercidas pela jornalista junto a suas leitoras – mulheres de classe média formadas dentro do modelo tradicional de feminilidade - e junto ao grupo editorial de que fazia parte. Mas essas novas temáticas apontam, ainda, as transformações por que passou a própria jornalista durante os 22 anos em que ocupou sua tribuna. Carmen não chegou feminista à revista *Claudia*, mas acabou se tornando uma militante-referência, através do ofício da escrita e do que este lhe proporcionou: o contato com mulheres de todas as regiões, faixas etárias e classes sociais. Foi através de pesquisa, observação e experimentação sobre a recepção de seus artigos que ela alcançou repercussão, e se tornou emblemática na história do feminismo brasileiro.

Referências:

BADINTER, Elisabeth. *L'un est l'autre*. Paris: Jacob, 1986.

BASSANEZI, Carla Beozzo. *Virando as páginas, revendo as mulheres*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

CIVITA, Laura (Org). *O Melhor de Carmen da Silva*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1994.

DUARTE, Ana Rita Fonteles. *Carmen da Silva – o feminismo na imprensa brasileira*. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2005.

_____. Betty Friedan: morre a feminista que estremeceu a América. IN: *Estudos feministas*. V. 14, n. 1, Florianópolis: UFSC, 2006, p.287-293.

GOLDBERG, Anette. Feminismo no Brasil contemporâneo: o percurso intelectual de um ideário político. IN: *Boletim Informativo e Bibliográfico de Ciências Sociais*, n. 28: Rio de Janeiro: ANPOCS: Vértice, 2. sem. 1989.

GONÇALVES, Andréa Lisly. *História e gênero*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

MORIN, Edgar. *Cultura de Massas no Século XX*. V. 2. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1986.

OLIVEIRA, Rosiska Darcy. *Elogio da Diferença*. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1993.

PINTO, Céli Regina Jardim. *Uma história do feminismo no Brasil*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003.

SANTOS, Tânia Coelho dos. *A difusão da psicanálise na família: um estudo de seus efeitos sobre a mulher*. Rio de Janeiro. Dissertação de mestrado. Departamento de Psicologia, PUC-Rio, 1982.

TELES, Maria Amélia de Almeida. *Breve história do feminismo no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1999.